

De Ralph Ellison (*Invisible man*, EUA) a Max Dorsinville (*James Wait et les lunettes noires*, Québec): negritude e metáforas da fronteira

Sébastien Joachim

Resumo: Este trabalho é um estudo de contatos interétnicos que demonstra a dificuldade da transculturalidade no cotidiano dos negros vivendo no Canadá e nos Estados Unidos. São aqui apresentados e analisados os ambientes, seus valores impressivos (*locus amoenus*, disforia), suas conotações metafóricas e míticas. Nota-se que a dinâmica dos textos é impulsionada pela busca de identidade dos protagonistas, que a pesquisa põe em destaque ao explorar as noções topológicas em uso na poética pós-colonial (fronteira, travessia, arquipélago).

Résumé: Ce travail est une étude de contacts interethniques qui démontre la difficulté de la transculturalité. Sont ici présentés les contextes, leurs valeurs impressives (*locus amoenus*, dysphorie), leurs connotations métaphoriques et mythiques. Mais la dynamique des textes reçoit leur impulsion de la quête d'identité des protagonistes, que la recherche met en relief en exploitant les notions topologiques qui ont cours dans les études postcoloniales (frontière, traversée, archipel).

*Le véritable lieu de naissance est celui
où l'on a porté, pour la première fois,
un regard d'étranger sur soi-même:
mes premières patries ont été des terres
étrangères.*

(Joël des Rosiers, *Théories caraïbes*)

1 – “The state of art”

Uma velha tradição oriunda de Aristóteles e chegada até nós mediante Santo Tomás de Aquino em sua *Suma Teológica* inicia toda reflexão séria por um inventário de problemas em torno do assunto que os intelectuais anglo-saxões costumam chamar hoje “o estado da arte”. No caso dos dois romances apontados pelo título de nosso trabalho, os problemas dizem respeito ao deslocamento quase compulsivo de personagens

negros num espaço pluridimensional (geográfico, econômico, social, histórico-cultural, simbólico) e verticalmente vetorizado (do Sul para o Norte). Três dessas dimensões (a geográfica, a econômica, a social) são obviamente responsáveis pela pulsão viajante. Atribuímos ao histórico-cultural e ao simbólico (este muitas vezes equivale ao psicossocial) as peripécias, reflexões ou diálogos preponderantes nas duas ficções. Dessa dupla dimensão, no entanto inseparável das primeiras, surgem as mais profundas questões, todas girando em torno do reconhecimento e do auto-reconhecimento. As perguntas sobre o auto-reconhecimento por parte dos personagens são do estilo: Quem sou eu? Já as perguntas sobre o hetero-reconhecimento são do estilo: Será que os outros percebem o que eu sou? Será que eles me vêem como eu me vejo? Será que eles percebem que existo? São questões que vão no sentido da construção ou da destruição da personalidade, seja qual for a raça, a etnia, a profissão, o grau de riqueza, o gênero sexual, a faixa etária, o espaço e o momento em que estamos.

Em todos os lugares e a todos os momentos, sem a menor lacuna, no privado como no público, perante os outros, ou colocados diante de um espelho que lhes devolve uma imagem de si mesmos, os personagens de Ralph Ellison e de Max Dorsinville enfrentam uma prova de qualificação. Jean-Paul Sartre diria que *estão em situação*. Não apenas em um mas em dois palcos simultâneos. Para o leitor comum, estão apenas nos cenários da fábula. Uma fábula que, como sabemos, é reutilizada *ad nauseam* em centenas de romances com protagonistas negros. Eis essa fábula, reconstituída por mim, em primeira pessoa: *mal saído da colonização dos brancos, nasci pobre e tenho que lutar para conseguir um lugar ao sol, ao duro preço de muita bajulação, de muitos sacrifícios, que vão do excesso de trabalho com baixo salário até a ameaça constante de perder o emprego ou de ser linchado pelo crime inafiançável de pretensos estupro ou assédios sexuais de mulheres brancas*. Entretanto, o leitor experto não pára nesse primeiro palco, mas vai ao segundo, que é o sítio das questões cruciais. Ali estamos atentos ao menor piscar de olho irônico de um supernarrador escondido por detrás do narrador-personagem

de Ellison e de Dorsinville. Nesta outra cena se percebe o implícito dos discursos, ou não ditos, as metáforas, as reminiscências intertextuais, a razão profunda das mudanças ou de inversão de pólo racial ou regional dos atores e actantes, as alianças conscientes e as assimilações inconscientes, os bloqueios do diálogo, as crispações ideológicas, ou, pelo contrário, as travessias ou abolições de fronteiras. Mostraremos num parágrafo a seguir em que reside a originalidade das obras escolhidas.

2 – O conteúdo concreto das duas ficções

Ambos os textos de ficção colocam seus protagonistas em situações-limite e na dialética centro/periferia: o romance do escritor negro-americano Ralph Waldo Ellison e o romance do haitiano-quebequense Max Dorsinville tematizam o *colour bar*, a barreira de cor. O primeiro livro, publicado em 1947, parece ser, no conteúdo, o ancestral do segundo, publicado em 1997; mas, por falta de dados comprobatórios, não nos entregaremos a um estudo sistemático de reescritura do um autor pelo outro, mesmo se Max Dorsinville, professor de literatura inglesa na McGill University, autor do belo ensaio *Caliban without Prospero*, não tenha podido ignorar o livro do seu predecessor. Os dois romancistas partilham por vezes a visão faulkneriana da indispensável complementaridade entre o Norte e o Sul na história da civilização norte-americana: sem o conservantismo e os erros históricos dos brancos do Sul, sem o desencontro inter-racial, a estereotipização, o sacrifício, a injustiça, a inepta abjeção sofrida pelos negros do Sul, o Norte não teria sido aquilo em que se tornou.

O conteúdo comum dos dois romances concretiza aquela vetorização vertical mencionada anteriormente. Óbvias transgressões de fronteiras conduzem os protagonistas negros de Ellison e de Dorsinville, do Sul dos Estados Unidos (Carolina do Sul e Geórgia), para a cidade de Nova York considerada como uma Meca do ponto de vista dos ideais de liberdade e de dignidade, assim como da suposta facilidade de

emprego. Ambos os protagonistas se desiludiram. Mas, enquanto o de Ellison parece ter aceitado o fracasso de sua viagem iniciática, materializado no texto pelo símbolo da queda em um buraco obscuro, o herói de Dorsinville busca uma redenção ou reabilitação em uma nova subida para o Norte mais nórdico que é o Canadá (a cidade de Colebrook, P. Q., onde encontrou trabalho).

3 – Mais uma vez a problemática fundamental: a identidade

Sustentamos a tese de que, por mais interessante que possa ser o tema da racialidade, ele não é o tema principal dos dois romances, nem aquilo que lhes tiraria da banalidade. A problemática levantada por Ralph Ellison e Max Dorsinville se concretiza antes de tudo em uma série de questões sobre o ser relacional que somos enquanto seres humanos. Temos que estar de bem com os outros e com nós mesmos em domínios tão diversificados como *o trabalho, a sexualidade, o que temos, o que somos*. Por isso, escolhemos os dois títulos de romances que estudamos, e gostaríamos de frisar com Pierre Bayard a problemática da identidade. *O que somos*: tal é a formulação por excelência da questão da identidade. Essa questão está ligada a uma multiplicidade de pequenos detalhes, de origem relacional, que nos afetam, isto é, que atingem a nossa sensibilidade quer positivamente (nos deixando com um sentimento de segurança, de orgulho, de auto-estima), quer negativamente (nos deixando com um sentimento de frustração e vazio, mágoa e desconforto psicológico, ódio para os outros, horror de olhar para nossa cara, melancolia e depressão). Os nossos próximos, espalhados no espaço e no tempo, nem sempre nos perdoarão por termos o nariz achatado, o cabelo pixaim ou os olhos e sobrancelhas que fogem de seus hábitos de visão. Há quem não absolverá o nosso sotaque, nem a pretensão – para eles exorbitante, ou incongruente, ou diabólica – de sairmos de nossa classe econômica, de nosso bairro, de nossa pigmentação da pele, de nossa religião, para namorar ou para

casar. Todo alhures ou toda diferença serão castigados. Cada qual precisa ficar em seu *lugar*, já circunscrito e predestinado.

Mas os dois livros foram escritos para contestar, em um certo sentido, essa invisibilidade prescrita ou imposta. É bem o que subentende sobretudo: o tema irônico da *invisibilidade* em Ellison como o dos *óculos pretos* no livro de Dorsinville. Tornar visível, tirar os óculos pretos para olhar alguém na verdade de seu ser, constituem ambos formas de reconhecimento do outro em sua diferença. É atravessar a superficialidade daquilo que Fredrik Barth, famoso especialista das questões raciais, chamou *Ethnic boundaries*. Mais explicitamente, no plano conceitual, duas passagens de Pierre Bayard confirmam que o tema da *visibilidade/invisibilidade* de nossos dois autores é um outro nome para o tema do *reconhecimento*, que, por sua vez, revela-se um sinônimo da *identidade*:

La problématique de la reconnaissance – ou son envers celle de la *méconnaissance* – est un autre nom pour celle de l’identité, qu’elle déplace dans ses dimensions intersubjective et sociale (BAYARD, 1994, p. 66).

E mais adiante, no mesmo contexto de análise da obra do grande romancista Guy de Maupassant, Bayard acrescenta:

Le texte de Maupassant montre bien la crainte qui se dissimule derrière toutes les autres et qui sous-tend négativement cette problématique de l’identité: ne plus exister, être *sans place*. N’être pas reconnu, ne plus avoir une image unifiante dans le regard de ceux que nous fréquentons (tu “es”), c’est connaître une forme de disparition psychique, en se heurtant, chez les autres, à l’adresse d’un *lieu pour soi* (id., *ibid.*).

4 – Sob o signo da dualidade e da ambivalência

O tema da fronteira racial não pára, portanto, na racialidade. Ele vai além, até o velho problema filosófico do dualismo e das suas possíveis neutralizações naquilo que o místico medieval Nicolas de Cues (e mais tarde, no século XX,

o mitólogo romeno Mircea Eliade) chamava de *coincidentia oppositorum* (hoje, a mestiçagem). A problemática da fronteira pressupõe, de uma certa maneira, uma exterioridade radical de si para consigo mesmo, de tal sorte que a distinção “eu e os outros” se efetua dentro do *self*, independentemente da questão de raça e de cor. Tal é igualmente a situação de todo escritor, pensa o poeta e ensaísta haitiano-quebequense Joël Des Rosiers, nos termos de nossa epígrafe. Portanto, em se tratando de obra literária de verdade e não de panfletos, é preciso desbanalizar o tema racial e levá-lo ao nível da escritura.

5 – Dualidade e transfiguração do banal

Conferir a qualidade literária, a virtude poética a essas obras envolve a responsabilidade de prestar uma atenção especial, de *tornar visíveis* os significantes espaciais, os personagens, os objetos, o cromatismo, o ambiente, e assim sair do fascínio do problema da raça.

Os autores conseguiram esse resultado pelo entrelaçamento de fenômenos pertencentes a diversas ordens ou níveis de realidade. Além da exploração do espaço, eles explorarão também uma temporalidade cíclica dia/noite, os contrastes luz/sombra (Ellison), as estações do ano (Dorsinville), a bipolarização riqueza/pobreza, explorador/explorado, patrão/empregado, formação universitária/experiência ao acaso das circunstâncias (ambos os autores). Predominam na estrutura bipolar da narrativa duas duplas séries isotópicas: a série induzida pelo par opositivo Norte/Sul, em seguida a série introduzida pelo par natureza/cultura. Por exemplo, constantemente perpassa nas reflexões casuais, na atribuição de identidade ou de possível origem, nos primeiros contatos, nas observações sobre o modo de falar, nos apartes ou monólogo interior, nas discussões, algo que se refere ao Sul no Norte, algo referente ao Norte no Sul. Pode ser uma questão de clima (calor tropical, frio e neve nórdica). Pode ser uma questão de gradiente de sensualidade, logo de animalidade e de violência (excesso, erotomania, num Sul assimilado à

emotividade negra *versus* hipotensão, frieza por vezes sadomasoquista e beirando a impotência, no Norte assimilado à racionalidade branca).

Continuando nessa linha dualista, podemos acrescentar: destaque nas artes que envolvem supremamente o corpo e o reflexo condicionado (dança, esporte, música aos gritos e ao choro, blues, jazz,...) do lado negro e sulista *versus* um saber organizado, uma tecnicidade, ligada à música de câmara, à sinfonia. Essas distinções não abrangem apenas uma fronteira física, material e comunicacional (limite geográfico, formalidades nas alfândegas, formalidades de concessão de visto, grau de restrição no que tange ao livre trânsito), elas se metaforizam em uma hierarquia geopolítica e cultural que implica privilégios franqueados e vassalagem no espaço e lugar impostos e que seria indecoroso e imprudente ultrapassar. Ambos os livros contêm passagens onde alguém aconselha a alguém, quer como advertência em Ellison, quer como ameaça velada em Dorsinville: “Stay at your place. Restez à votre place”.

Existe, portanto, na estrutura psicológica das ficções desse tipo, a recondução de uma sociologia das mentalidades, baseada no triplo registro temporal, espacial, comportamental, em harmonia ou em dissonância com determinadas pessoas em função da raça ou da pigmentação da pele. Pensamos, e voltaremos a repetir isso, que a superioridade de Dorsinville e de Ellison reside na onipresença da dualidade, na maneira como eles a reconduzem do cromatismo dos corpos, ao vestuário, ao ambiente, aos gostos musicais, aos estatutos profissionais. Por exemplo, no caso de vestuário: em geral, os negros são vestidos de preto, as mulheres brancas de branco. O vermelho surge naturalmente no escuro das cenas de paixões eróticas durante as quais a branca muda de campo e se negrifica.

No caso do ambiente: em geral os negros de Ralph Ellison trabalham e vivem em lugares exíguos, escuros ou noturnos, e os brancos em lugares arejados, espaçosos e claros. Adiantamos que o romance de Max Dorsinville, cuja ação se passa no Canadá, denota uma certa diferença com os EUA. Em Dorsinville, se tal negro haitiano ganha sua vida cantando numa boate fechada e meio escura, o negro americano trabalha em

espaço aberto, em um campo de beisebol iluminado e à luz do dia. Mas voltaremos a comentar esse assunto mais adiante.

Uma ressalva mais importante e mais significativa, quanto ao ambiente, precisa ser registrada em Ellison: a função do *campus* universitário do Sul, verdadeiro *leitmotiv* na memória do herói narrador exilado em Nova York. O *campus* é designado nos capítulos 3 até 5, como um lugar de sonho, um Éden. Parecer preencher a função eufórica e poética de um indiscutível *locus amoenus*. Porém algumas sombras mancham esse quadro. Por exemplo, as cenas de competição, na ocasião de uma colação de grau, os brancos ali presentes na qualidade de benfeitores e convidados de honra da Escola, embriagados vociferaram na direção dos jovens negros fartas e injuriosas palavras agressivas do tipo: “acaba com ele”; “se não fizer, vai se ver comigo, negro sujo”; arranca o seu membro, esmaga ele, negro”; “ponha suas tripas fora”; “mate, mate esse grandalhão”; “larga isso, negro sujo”. No fim da cerimônia, o narrador-personagem, por ter falado de igualdade social no discurso que pronunciou em nome da turma, recebeu a seguinte advertência da parte de um branco da assistência: “Você não falou sério a respeito dessa história de igualdade. Para seu bem, você precisa ficar no seu lugar, sempre, entendeu?” (capítulo 1).

Depois desse discurso ultrajante, o narrador-personagem cometeu o erro de levar Mr. Norton, um ilustre hóspede do Instituto, para dois lugares proibidos: um bar de desordeiros, num miserável bairro de negros, e, à margem deste, a cabana de um certo Jim Trueblood, que, diz o texto, “tinha envergonhado e desonrado a comunidade negra” ao engravidar ao mesmo tempo a sua mulher e a sua própria filha. Encontram-se aqui várias travessias de fronteiras, tanto da parte do herói-personagem (ao olhar do Instituto) quanto na conduta de Jim Trueblood e de Mr Norton e na curiosidade suspeita deste. Pois não é uma secreta perversão por parte dele, procurar o estuprador e o incestuoso para ouvir uma história hedionda várias vezes contada e se deliciar com tal narrativa? Esse tríplice incidente, essa tríplice quebra de decoro é uma tríplice quebra de linha fronteira. Foi considerado como desacato à autoridade da Escola, valeu ao personagem-narrador o seu

afastamento do *campus* e pôs um término brutal com o futuro brilhante com que sonhava...

Afora essas disforias, o Tuskegee Institute, a Escola, como se compraz em repetir freqüentemente o texto, é um espaço resplandecente, e portanto o espaço do branco, na gama cromática, embora seja um negro que, no texto, é designado como fundador, e também um negro o seu diretor *visível*. Não se deve perder de vista esse motivo temático e estilístico da visibilidade. Pierre Bayard já nos alertou ser ele a mola-mestra de nosso ser-no-mundo. Aliás, essa questão da invisibilidade satura o texto desde o título; ela é debatida amplamente no prólogo e no epílogo. É um eixo fundamental da significação, da estrutura espacial, psicológica e comportamental do romance de Ralph Ellison, e que Dorsinville reconduz em *James Wait et les lunettes noires*, mediante o motivo dos óculos pretos, do vestuário, da luminosidade etc. Sua importância no ambiente dos dois romances é eloqüentemente demonstrada nas cenas amorosas entre brancas e negros: não podendo atravessar a fronteira que proíbe uma intimidade diurna, os amantes trocam seus sentimentos na penumbra das boates ou dos quartos de dormir.

O ambiente está portanto em consonância com as barreiras psicossociais. As linhas até agora entre-percebidas se desfazem e se refazem em todas as partes das narrativas interétnicas. Estão também em conformidade com o tema da dualidade, e acusam o caráter ambivalente dos gestos, dos objetos, imprimem uma duplicidade aos comportamentos. O *campus* de Ellison, bastante idealizado na lembrança do narrador em exílio em Nova, é chamado de Éden, de Paraíso, de lugar de sonho. Nele ressoam muitas músicas, muitos cantos, seu ar é repleto de perfume floral e de luminosidade. Porém, por trás desse *visível* e desse *perceptível* está o poder financeiro dos brancos. A maioria desce do Norte para assistir às festividades da Escola enquanto membros fundadores ou titulares de substanciais doações. É importante notar, nos capítulos 1 a 5 de *Invisible man*, essa travessia de fronteira dos empresários brancos na verticalidade descendente, travessia esta que contrasta tanto em motivação, em termos de relação de poder, com a subida para o Norte dos negros. O peso da presença dos

“Mr. Norton e Cia.” ameaça tanto apagar a memória do fundador, o ilustre Booker T. Washington, que a narrativa teve de realimentar a aura do Fundador pelos longos panegíricos de Doutor Barbee, de Doutor Bledsoe e do porta-voz de alunos na ocasião das colações de grau, sem falar das inumeráveis reiteraões de seu nome em Nova York na memória e na boca dos antigos de Tuskegee, inclusive do narrador.

Essa ambivalência do espaço do *campus* se redobra na personalidade do atual presidente da instituição, o Doutor Bledsoe, homem de duas caras, capaz de destruir, afirma ele, todo negro que se coloque no seu caminho e que conteste a sua prepotência. Para ficar nas boas graças dos brancos mandachuvas da Escola, ele se esbanja em bajulaões, na obsequiosidade de mordomo, desde que um desses senhores “pinta” no seu horizonte; ele lhes serve o que eles desejam inclusive na postura (cabisbaixa, numa respeitosa distância). Neste horrível personagem, narcísico, faminto de poder até a paranóia, em cujo coração só há espaço para o ódio, temos a encarnação da lei do duplo registro que comanda a narração. É um apogeu na estilização da impostura e da hipocrisia que nos oferece aqui Ralph Ellison. Ao burilar tal figura, o livro consagra, indiretamente, talvez sem o querer mas por um efeito de bumerangue, a supremacia do poder branco no Instituto e no Sul dos Estados Unidos.

6 – Trajetória dos protagonistas e ecossistema ficcional

6.1 – O protagonista de Ellison

A chave principal do enredo de *Invisible man* se descobre do lado do personagem-narrador. Precisamos comparar a trajetória deste com a trajetória de James Wait, o negro americano de Dorsinville. Toda uma topologia é posta aqui a serviço de uma busca de identidade, associada ao desejo de reconhecimento e de sucesso profissional.

Quando o narrador-personagem de Ralph Ellison deixou

a contragosto o *campus* do Tuskegee Institute, ele tomou o trem, essa máquina por excelência de travessia de fronteiras, para Nova York, munido de sete cartas de apresentação ou de recomendação, à guisa de passaporte. Mas, ao chegar em Nova York, ele foi barrado, como numa alfândega, na tentativa de encontrar diretamente os destinatários dessas mensagens. Não conseguiu portanto atravessar o limiar imanente às empresas onde procurou emprego. Num espaço ulterior na narrativa, o obstáculo a vencer vai ser a mente paranóica de um instrutor. Descobriu então que se repetiu no Norte a mesma paranóia de Doutor Bledsoe que lhe custou a sua expulsão da Escola. Diversas desavenças se seguirão e irão reiterar, em sucessivas imagens substitutivas, o autoritarismo do presidente do Instituto. Por exemplo, o mandonismo de Jack, o líder de um movimento de militantes marxistas chamado Comitê, o fanatismo ideológico e a mesquinha da cúpula dessa organização, a serviço da qual ele colocou seus talentos de orador. Haverá também diversas ilustrações de suas desventuras, tanto no plano profissional como na tomada de consciência de sua identidade. São, a nosso ver as passagens mais poéticas do livro, e são emprestadas a um bestiário onde desfilam o *melro*, o *urso*, em particular a figura do pobre *Coelhinho* que se faz depenar, e a figura do *pintarroxo*. O coelho e o pintarroxo constituem dois grandes símbolos das ilusões perdidas do narrador. Outras fronteiras surgirão, outras barreiras virão, principalmente o racismo antibranco de uma facção de negros que confunde intolerância e nacionalismo. Estes o acusarão de traidor e o condenarão à morte, mesmo se a causa defendida por ele junto aos brancos era a causa do trabalhador explorado e do oprimido. Mais uma tentativa fracassada de abolição de fronteiras inter-raciais. Fracassarão também as investidas sexuais por parte de duas mulheres brancas da alta sociedade, frustradas em suas relações matrimoniais. A impressão definitiva do leitor, em primeira instância, é de um encontro impossível, num duplo espaço: impossível de se entender no espaço comum ao branco e ao negro, impossível de se entender no espaço que põe os negros face a face, ou os brancos face a face. Não há acordo conjugal,

nem harmonia sexual. Ralph Ellison escreveu um romance de fissura e de fronteiras internas. A idéia de fronteira acaba por conotar negativamente aqui. Ela é separação. Está faltando, e muito, o seu traço positivo, que é a aproximação, a relação, como prefere dizer Edouard Glissant. O herói-narrador terminará sua vida ficcional na solidão de um buraco escuro. Talvez haja a luzinha de uma fraca esperança vinda do alto. Essa verticalidade esboça uma segunda instância de leitura, pois ela bem corresponde ao apelo de uma ascensão possível.

Invisible man reúne todos os ingredientes de um romance de formação, no qual o herói caminha de ilusão em ilusão a respeito das pessoas e do mito da fraternidade racial. O protagonista acabou suspeitando de que, no final das contas, a fraternidade promovida pelo comitê, uma espécie de fraternidade além das raças e da situação econômica e das polaridades norte/sul, brancos/negros, masculino/feminino, é provavelmente o único valor que vale a pena ser procurado neste mundo. Até o tema que parece predominar desde o título – o entrejogo *visibilidade/não-visibilidade*, ou seja, o *reconhecimento* como ser, como pessoa, a saída do anonimato e da solidão –, parece recuar ante a fraternidade.

Essa fraternidade ellisoniana reveste-se de um caráter ecossistêmico: a fauna e a flora (o cosmos) fraternizam com o homem (o *anthropos*). Notamos também a predominância das artes do corpo e dos sentidos que mais lhes correspondem: a audição e a visão. A visão: quando aprecia a beleza das flores, quando desenha vestuário, rostos, ambientes, associados às vozes e aos sentimentos ou afetos, ou às identidades dos interlocutores, o olhar ellisoniano é um instrumento de efeito de real extremamente eficaz. É um olho-câmera. O olfato: quando o cheiro faz ressurgir proustianamente um instante de felicidade oriundo de uma infância sulista idealizada, ele contribui, junto aos pássaros, à lua, às vozes, para uma boa parte da poeticidade do livro. O tato ou a sensação muscular proveniente do passeio ou da dança não são insignificantes. Mas o seu pleno valor é adquirido quando estão associados à música, logo, ao ouvido. Realmente, o ouvido é o sentido ellisoniano por excelência. Todos os sentidos, para alcançarem seu pleno valor, devem

passar por ele ou convergir para ele. A sensibilidade do personagem-narrador é fundamentalmente musical e rítmica. Nathalie Cochoy (1998), especialista em Ralph Ellison, sublinhou isso com muita força, num capítulo em que consegue ligar intimamente a dupla problemática da fronteira e da voz. Um espetáculo visual, como o da marionete Sambo, o perturba até a raiva, ao delírio, por ser um composto de sons, de movimento rítmico, de riso debochado até a obscenidade (o riso, importante no texto, pertence ao registro do ouvido associado ao visual), de cara satisfeita ao fazer-se o *clown* sem dignidade e sem ideal, como os negros inconscientes. Sambo, nome do boneco grotesco, é um símbolo de escravidão e de inferioridade consentida. E o narrador, rejeitando-o com veemência, testemunha o seu desejo profundo de ultrapassar a fronteira do passado.

Um outro motivo romanesco que temos subordinado à temática dos cinco sentido e do corpo é a sexualidade.

A sexualidade não é muito preocupante no narrador de Ellison nem no personagem americano de Dorsinville. São mulheres brancas que provocam ambos os personagens negros. E o sentido desses encontros tem de ser esclarecido de preferência a partir do livro de Dorsinville, onde a questão sexual coincide com um ritual de passagem. O estudante haitiano e Bonbon, seu camarada, um mulato haitiano que canta na boate “Gay Paree”, em Colebrook (Canadá), se entregam a proezas sexuais a fim de se auto-afirmar e de descobrir seus limites via outrem. Sua busca é ao mesmo tempo metafísica e identitária (cf. ROSIERS, 1996). Não se trata de erotomania negra. Isso é uma interpretação e uma projeção de brancos frustrados ou de virilidade dúbia. Em Ellison, os encontros meio forçados com mulheres brancas, por parte do narrador-personagem, fornecem ao herói a oportunidade de auscultar o seu corpo erógeno e de medir o seu *self control*, no caminho de um objetivo superior.

A cópula, aliás, tem seu duplê na dança. O livro de Dorsinville o disse expressamente na boate “Gay Paree” de Colebrook. O coito é uma dança, isto é, corpo em movimento ritmado, e portanto música, teatro musical a dois. O livro de

Dorsinville e o de Ellison são cheios de música. Músicas ouvidas, músicas da voz e do canto criam uma espécie de supra-racionalidade somática, situada para além da racionalidade ocidental e das ideologias que esta preconiza. E, em virtude dessa supra-racionalidade, *Invisible man* em particular é um repertório de ritmo, um jazz em forma de palavras. O canto e a voz poderiam ter sido as suas duas palavras-chave, do ponto de vista estético. Eles tudo metamorfoseiam. Numa passagem do capítulo 5, o texto apresenta uma jovem cantora negra que entoava um canto litúrgico. Traduzo livremente:

ela começava docemente como se seu canto, todo interior, expressasse sentimentos muito íntimos, e que esta melodia não lhe era destinada... Ela lhe conferiu progressivamente maior amplitude, a ponto que, vez em quando, a voz parecia se tornar uma força desencarnada que buscava entrar nela, violentá-la; essa voz a sacudia, a fazia oscilar em cadência, como se ela (a voz) tivesse se tornado a raiz de seu ser, e não mais o tecido em movimento ondulatório que ela própria engendrara.

Aqui está o poder soberano da música: nós a produzimos e ela nos transforma soberanamente até o recinto mais profundo e mais secreto de nosso ser.

Uma outra passagem do mesmo capítulo 5 mostra que até as palavras perdem a sua autonomia de signo, sob o efeito da voz. No seu nível mais nobre, o de uma racionalidade diferente da racionalidade lingüística, a palavra, candidata ao canto, transita pela voz, fronteira onde se torna vocalismo, energia pura liberada das limitações de todo significado:

os acentos chegavam *stacatto* do palco donde reverberavam-se em eco com uma badalada, como se fossem palavras lançadas feito uma artilharia sobre as árvores de um vasto espaço selvagem. Estava perto do som puro, onde o sentido pouco importa, um jogo sobre as ressonâncias dos edifícios, um ataque contra os templos do ouvido:

Depois dessa preliminar, o orador, que aqui coincide com a voz do próprio narrador se lembrando de um discurso de formatura que pronunciou, prossegue falando à sua professora de música de outrora, sentada no fundo da sala:

Miss Suzie Gresham, escute-me; eu quebro as palavras introduzindo-as no clarim da minha voz, imito o timbre da trombeta e do trombone, eu modulo variações temáticas, como um barítono.

Mais adiante, ele passou a falar da performance de um famoso orador religioso cujo discurso foi “uma salmodia, um rio de sons verbais cheio e transbordando de paixões afogadas [...]”; de palavras desfilando como a fanfarra estudantil”.

Falou em seguida dos “sons das palavras que nem mais eram palavras”, das “vocalises do fundador”. Outros tantos exemplos que manifestam uma poética da voz, como transgressão da fronteira da língua, rumo ao país da música.

A emigração das palavras é análoga à migração do narrador para um Norte simbólico, e não mais geográfico. Nessa mudança, a língua renuncia a sua função de transmissora de significado para se sublimar no canto, na música, pois estes música redimem tudo, transfiguram tudo e, varrendo nossos preconceitos, elevam nossa vida ao nível do sagrado.

7.2 – O protagonista de Dorsinville

A trajetória espiritual de James Wait, o negro americano de Dorsinville, apresenta algumas alterações do modelo de Ellison em que, como dissemos, o escritor haitiano-canadense parece ter-se inspirado. Em ambos os romances, o personagem mais interessante é um negro americano que:

- primeiramente caminha do Sul para o Norte;
- depois, esbarra nos preconceitos na sua tentativa de atravessar as fronteiras psicossociais;
- em seguida, entra em conflito sem querer, com o racismo tanto branco como negro;
- mas também recebe o consolo compensador no jazz e na ternura de uma amiga, a quem acaba perdendo de vista no final.

O que diferencia o personagem de Dorsinville do de Ellison é que, em território canadense, ele parece ter beneficiado, intertextualmente, da experiência do herói de

Ellison, trocando os sucessivos sonhos fracassados do *campus* de Tuskegee e de Nova York por uma sublimação mais nórdica. Uma vez suportadas as humilhações dos ritos de passagem na fronteira canado-americana, James Wait deu a impressão de evoluir num país vacinado contra os embustes do mundo do personagem de Ellison. Mas depois de uma breve pausa, uma onda de ceticismo tomou conta dele. E a aventura amorosa que se esboçou com Denise, a estudante universitária da alta classe média da cidade de Colebrook, não foi bem acolhida pelos pais, nem talvez pelos olhares daqueles que circulam na brancura do dia. Resta que, se se considera o sucesso feminino dos dois haitianos da mesma cidade que dividem o palco romanesco com James Wait, inclinamo-nos a pensar que lá, na terra do Canadá, a identidade negra não enfrenta o impasse que os EUA lhe impõem. E grande é a nossa tentação de atribuir àquele país a palma da tolerância e do respeito para com as etnias e as diferenças.

Todavia, revendo o incidente da alfândega seguido de mais dois outros na ficção, e lembrando alguns fatos históricos que ainda constituem um contencioso não-liquidado, somos obrigados a nuançar nossa primeira impressão. Revejamos, por exemplo, certas situações romanescas que temos deixado na sombra. Para começar, Dorsinville se utilizou de um agenciamento de papéis diferente de Ellison. Por exemplo, ele confere um papel ao haitiano; arrola, como foi dito, uma jovem universitária branca para contracenar com o seu protagonista negro-americano. Esses negros de Dorsinville, que vêm todos de um Sul geográfico, parecem circular desinibidos no espaço branco. E quando vêm dos EUA, como James Wait, procedem a uma revisão dos valores negro-estadunidenses. Tomamos o caso de Louis Armstrong, trompetista e cantor, ídolo incontestável de outro lado da fronteira, isto é, na apreciação do narrador de Ellison, ele passa por *démodé* no ouvido do americano de Dorsinville. Em terra canadense, em Colebrook, James Wait, numa discussão com Denise, marca sua nítida preferência pelo jazz moderno de John Coltrane, Miles Davis, Charlie Parker. Reforça-se a impressão de um Canadá como terra de emancipação, e da verdadeira

medida das coisas, de certa abolição de barreira, conforme requer a mundialização no ano de 1997, ano de publicação de *James Wait et les lunettes noires*.

Mas tal interpretação seria precipitada, sobretudo se se leva em conta o dossiê quente dos ameríndios e, historicamente, durante a Segunda Guerra Mundial, a presença no território canadense de campos de concentração para imigrantes japoneses. Aliás, na ficção de Dorsinville pode-se ver que, se as mulheres brancas que seguem a lei do desejo não se importam com as sutis diferenças que opõem negros americanos e negros antilhanos, negros de tez clara e negros de tez escura, o público das ruas da cidade de Colebrook reserva para todos eles a mesma recusa de reconhecimento que lastra a temática do livro de Ralph Ellison. Em Dorsinville também se lê uma dialética dualista do ambiente. O espaço aberto e luminoso, o grande espaço da cidade é, predominantemente, o apanágio do branco, *versus* o espaço obscuro e fechado de uma boate ou, a rigor, o espaço limitado de um *campus* universitário, de um estádio e de sua vizinhança imediata. No espaço maior, o estudante, o artista, o atleta e o cantor negro mergulham no anonimato, aquilo que Ellison associa ironicamente à *invisibilidade por excesso de visibilidade*. Quer do lado de cá, quer de lado de lá da fronteira, todos esses atores romanescos passam a enfrentar a estraneidade do eterno estrangeiro, não obstante as invisíveis fronteiras internas que eles mesmos, coitados seres periféricos, se esforçam idiotamente a traçar entres eles. São eternos estrangeiros. E Denise, a namorada de James Wait, admite ter-se tornado, um pouco por contágio, uma estrangeira em sua família, devido a sua escolha sentimental.

Quando vemos o americano de Dorsinville sofrer várias humilhações e agressões verbais, primeiramente por parte do motorista de ônibus que o levava de Nova York para o Canadá, em seguida por parte do funcionário da Imigração do país que lhe ofereceu emprego; pior ainda quando vemos depois o pai de Denise, grande advogado de Colebrook, pressionar o diretor do clube esportivo para desempregar e mandar embora o rapaz, e, desta maneira, aliviar a sua vergonha, ficamos pensativos, como ficamos depois da leitura de Ellison. A travessia das fronteiras

ainda não chegou à ficção. Será que ela chegou à realidade? Já entrevemos que não. O setor de nossa pesquisa que opõe a mundialidade à mundialização responderá com mais detalhes.

8 – Para além da dualidade: a complementaridade recíproca

No início desta intervenção, evocamos o problema do sistema dual do pensamento. Demos depois a entender que a questão da fronteira se desenvolvia nessa perspectiva, mas com uma certa ambivalência. O que implicava haver um pouco do mesmo no outro e vice-versa. Isso nos estabeleceu logo no terreno da multiplicidade do ser e da identidade. Se dermos um passo a mais à frente, encontraremos certas noções (*mestiçagem, crioulização, arquipélago*) ao mesmo tempo reconciliadoras e mantenedoras das diferenças. Essas noções apontarão para uma perempção, por uma supressão da noção de fronteira. É nessa direção que vamos caminhar, mesmo quando rerepresentaremos o quadro das oposições duais, das oposições binárias, como alavanca.

Vimos que as personagens dos romances vão quase compulsivamente do Sul para o Norte (no Brasil, nosso Norte é São Paulo). O que significa em seu pleno sentido tal deslocamento?

Passar os limiares, em termos de estruturas mentais, significa ser predisposto a efetuar mudanças, a quebrar os ferrolhos do conservadorismo, a privilegiar a ação planejada sobre a inércia e o espontaneísmo, o realismo pragmático sobre as ilusões. O Sul dos dois romances está afetado das valências negativas a serem ultrapassadas ou deixadas para trás. A tese implícita, principalmente em se tratando dos valores do corpo, é a de que o Norte, lugar do pragmatismo, do *Homo_oeconomicus*, é uma promoção socioeconômica, em um mundo de olho para o futuro., um mundo de maior grau de autoconsciência, onde cada qual pode desenvolver todo o seu potencial. Ora, é exatamente isso que o discurso sobre a valorização do corpo, sobre a música, sobre a voz, sobre o jazz vem contrapor e contestar em ambos os

romances. É também essa aparente e esmagadora superioridade do Norte que se dedica Edouard Glissant a contestar no seu livro *Faulkner Mississippi*, defesa essa que ele alargara em outras obras e tomadas de palavras.

Para começar, ele nos diz que as fronteiras são todas “bagunçadas” e incoesas. Em outras palavras, não há verdadeiro sul, nem verdadeiro norte: as fronteiras são porosas; e, por calamitosa que possa ser, a relação com o outro é um dado histórico, geográfico e trabalho simbólico incontornáveis. Tudo é contraditório e temos que aceitar que Albert Camus, da Argélia, Saint-John Perse, da Guadalupe, William Faulkner sejam homens e obras contraditórios, irrequietos e inquietantes. Por quê? Porque eles vivem em mundos-fronteiras. E quais são as características dos mundos-fronteiras? São aquelas que tornaram a obra de Faulkner um emblema da fronteira paciente e minuciosamente reconstituída para ser logo perdida, emaranhada, desvanecida: a mobilidade, a hesitação, a passagem, em particular a passagem da certeza das identidades fixas e das verdades inelutáveis ao fascínio do possível e do impossível misturados (GLISSANT, 1996: 310-311). Glissant acredita que a explosão da fronteira se realiza no grande escritor sulista pela multiplicidade, pela dispersão, pela circularidade nômade. Ele pensa que o Sul, contudo, é um lugar fechado e não apenas um lugar-fronteira. Esse enclausuramento, por sua força de fechamento e sua consistência, provoca um efeito de *double bind*: os personagens acolhem o apelo do longínquo, e cada vez que eles cedem a esse apelo, eles o pagam por uma certa danoção: “O alhures repete o país daqui... O alhures repete incessantemente a região” (GLISSANT, 1996: 310, 324). Ora, é exatamente o que acontece com os sulistas que subiram para Nova York: o Sul os obceca e os possui. O cordão umbilical não foi cortado. O personagem-narrador de Ellison, os haitianos e o americano de Dorsinville carregam o seu sul na sola do sapato. Glissant explica isso pela noção de arquipélago que vamos encontrar mais adiante.

9 – Realidade e ficção

Fala-se muito hoje em mundialização e em apagamento de fronteiras que ela acarreta. Para os negócios, sim. Mas quem outorgará a Beltrano e Sicrano a liberdade de ir e vir por cima da linha de separação introduzida por entre as barreiras culturais e raciais que se recriam periodicamente, a favor de qualquer incidente religioso, político ou econômico, ou depois de tal ou tal decisão em Maastrich ou em Schoengen ou no Camp David? Ou simplesmente, depois da publicação de tal estatística que acusa um fluxo crescente de migrantes das áreas economicamente pobres? A partir de quando vamos parar de discriminar nas fronteiras entre as pessoas da outra raça e de outra cultura, ou seja, os anônimos ou os invisíveis de Ellison de um lado, e de outro lado os turistas endinheirados, os *jet-sets* ou os *yuppies*, os diplomatas do G-7, os banqueiros?

A esse respeito, a Declaração dos Direitos Humanos, a ONU, a UNESCO, todos esses organismos falharam e demonstraram ser incompetentes para garantir tal liberdade e promover tal equidade. O nosso mundo pós-moderno precisa diagnosticar melhor o mal, forjar conceitos novos que mudem as mentalidades reinantes. Assim falam Alexis Nouss e Edouard Glissant, o primeiro em um artigo intitulado “La Tour et la Muraille”, o segundo em uma entrevista concedida a F. Noudelman em Nova York, no 10 de maio de 2002, sob o título “La relation, imprédictible et sans morale”. Assinalamos que aquele número de revista tem como título: *L'étranger dans la mondialisation*.

Segundo Edouard Glissant, não há *mundialidade* para todos. Isso teria sido, se houvesse uma continuidade entre os arquipélagos que constitui cada nacionalidade ou país. Existe em demasia ainda continuidade e descontinuidade, separação e contigüidade, isto é, fronteiras, que é preciso dismantelar. Falta, declara por sua parte Alexis Nouss, um *pensamento liminar* e uma *subjetividade mestiça*. Acrescenta Glissant: necessitamos de uma *poética da mundialidade*, de um *pensamento global no agir local* (expressão que ele declara ter pescado numa pichação em crioulo no Haiti).

Ora, antes de mais nada, os dois romances tentam nos sensibilizar aos efeitos perversos do não-desmantelamento das fronteiras raciais e também étnicas. Basta apenas mencionar aqui o aspecto étnico: há momentos em que a multidão de *Invisible man* trata de *Irlandoches* os policiais novaiorquinos, há momentos em que o professor árabe, Yessir, em *James Wait et les lunettes noires*, é visceralmente rejeitado por um certo “branquelo” chamado Jacques, por sinal tradução de James, o nome do negro americano. Dorsinville tece assim uma relação irônica entre as duas versões do nome e o afeto negativo que é a antipatia. Ele constrói também a mesma operação irônica sobre o nome de Robertson. Roland Robertson é o nome do sociólogo que criou o termo *glocalização*, sinal de um pensamento transfronteiriço. Ora, por malícia e para dar melhor musculatura à situação irônica do racismo e do etnicismo no tempo do esboroamento dos limiares, Max Dorsinville resolveu aplicar o mesmo nome ao motorista americano que em duas ocasiões tentou proibir a travessia de fronteira a James Wait (note bem que esse jovem negro não quer obedecer ao destino que seu nome prescreve, a saber: *Wait! Espere!*). Robertson repetirá sua agressão contra a pessoa de James, iniciada na alfândega canadense, na saída de uma boate onde supostamente o herói negro teria a vontade de quebrar o *sex-bar* ao cobiçar as mulheres brancas daquele local. É um assunto que merece ampla consideração. Voltaremos a completar essas observações mais adiante. Foi possível perceber os quiasmos entre nomes e antipatia etno-racial. Para terminar essas considerações, é oportuno salientar o ganho em originalidade obtido pelos dois romancistas ao tecer uma correlação entre os preconceitos raciais e étnicos, condensando-os amiúde no mesmo personagem.

Perseguindo a nossa reflexão sobre o sentido profundo dessa travessia de fronteira, voltamo-nos mais uma vez em direção de Edouard Glissant. Sintetizamos apenas alguns trechos do livro de Glissant sobre Faulkner que nos parecem completar o que já foi dito. Edouard Glissant – para quem fortuitamente o ignoraria –, é poeta, romancista, dramaturgo, poeticista e autor martiniquês de, entre outros livros, *Introduction à une poétique du divers* e *Le tout monde*. Ele

também partiu do Sul, de uma ilha das Antilhas, para ganhar fama e melhor possibilidade de viver no exílio. É preciso não esquecer que o Sul dos Estados Unidos, a Louisiana, onde ele foi ensinar como negro das Antilhas, desempenha um papel de Norte para ele. Eis aqui um pensador representativo da escritura mestiça e que acampa nas fronteiras para observar todas as tensões e incoerências que ali acontecem. O que nos interessa em *Faulkner Mississippi* é o capítulo intitulado “La frontière, les lointains, encore la trace” [“A fronteira, os lugares afastados, ainda o vestígio”]. Não é apenas Faulkner, mas o transbordamento do assunto Faulkner que acaba fazendo da obra e da pessoa desse grande escritor dos Estados Unidos a metáfora da fronteira.

10 – Conclusão

O que advém em definitivo das fronteiras? Tentamos expressá-lo num epílogo crítico que, na cauda dos romances lidos, vamos tentar formular. A consulta que fizemos aos cientistas sociais de renome como Ulf Hannerz ou Fredrik Barth – lembramos que Barth é o grande especialista das fronteiras raciais – não foi mais proveitosa do que a leitura atenta das obras de imaginação que convocamos. As tendências dos antropólogos são diversas e contraditórias, como na ficção: há quem defenda o predomínio hoje da tese do transfronteirismo, principalmente quando se observam as viagens transcontinentais, a queda do muro de Berlim, o ataque do 11 de setembro de 2001, o trânsito ininterrupto da mídia; há quem interprete a recrudescência dos fundamentalismos, do terrorismo, do etnicismo e outros *ismos* calamitosos como um indicador seguro de manutenção, de reforço ou de (re)criação de novas fronteiras. Seja qual foi a escolha, Ulf Hannerz (1997) nota correlação entre fronteira e tensões, como o atestaram os romances de Ellison e de Dorsinville. O que leva fortemente a pensar que descontinuidade e continuidade estão sempre presentes nas fronteiras geográficas, políticas, culturais e raciais, tanto entre grupos como entre indivíduos. Sempre um *mesmo* faz frente a um *outro* que não lhe

pode ser semelhante em todos os aspectos. Para Mikhail Bakhtin e Yuri Lotman, a ruptura total de assimetria que a abolição de fronteira, ou da dinâmica Centro normatizado e tendente à estagnação *versus* Periferia caótica e fervilhando de renascenças acarretaria o fim de um necessário e fecundo diálogo entre as diferenças. Os limites das Culturas com sua gramática e sintaxe específicas requerem heresia e forças emancipadoras. As etnias e raças também precisam conversar, sem perder algo que lhes seja próprio e que, portanto, articula uma fronteira lábil, flutuante, de grande compatibilidade com a diversidade no seio mesmo do além-fronteira.

Cada indivíduo economicamente fraco é o negro de alguém, cada comunidade minoritária carrega quase sempre o estigma da negritude aos olhos de outras comunidades desafogadas. Desse ponto de vista, a constituição da Comunidade Européia é rica em ensinamento. No caso dos negros de *Invisible man*, de *James Wait et les lunettes noires*, como na obra de Faulkner, a estrutura dualista apresenta certos complicadores que provavelmente contribuem para a qualidade literária e originalidade desses autores. Mas, como sugerem Alexis Nouss e Glissant, é preciso ir além da retórica, é preciso acabar com o pensamento dualista e assegurar a continuidade dos arquipélagos sobre a sua descontinuidade. Assim somente reinará nesta terra a fraternidade, segundo Ellison, ou o amor, segundo Dorsinville.

Referências

- BARTH, Fredrik. *Ethnic groups and boundaries*. Oslo, 1994.
- BAYARD, Pierre. *Maupassant, juste avant Freud*. Paris: Minuit, 1994.
- COCHOY, Nathalie. *Ralph Ellison*. Paris: Belin, 1998. cap. 3: L'écriture de la frontière.
- DORSINVILLE, Max. *James Wait et les lunettes noires*. Montréal: CIDHICA, 1997.
- ELLISON, Ralph Waldo. *Invisible man*. New York: Vintage Books, 1952.

- GLISSANT, Edouard. *Faulkner Mississippi*. Paris: Folio-Essais, 1996.
- _____. La relation, imprédictible et sans morale. *Rue Descartes*, Revue du Collège International de Philosophie, Paris, PUF, n. 37, p. 76-95, Sept. 2002. Entrevue.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- _____. *Le tout-monde*. Paris: Gallimard, 1993.
- HANNERZ, Ulf. Frontières. *Revue Internationale des Sciences Sociales*. Paris, UNESCO, n. 154, p. 597-609, Déc. 1997.
- LOTMAN, Yuri. *La sémiosphère*. Limoges: Pulim, 2002.
- NOUSS, Alexis. La tour et la muraille. *Rue Descartes*, Revue du Collège International de Philosophie, Paris, PUF, n. 37, p. 8-18, sept. 2002.
- ROSIERS, Joël des. *Théories caraïbes*. Montréal: Tryptique, 1996. p. 146-158.